

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA**

**A APRENDIZAGEM MORAL E ÉTICA NA INFÂNCIA: UM  
DESAFIO SOCIAL E ESCOLAR**

**DANIELLY CARVALHO SILVA**

**CAJAZEIRAS-PB  
DEZEMBRO-2010**



5586a Silva, Danielly Carvalho.  
A aprendizagem moral e ética na infância: um desafio social e escolar / Danielly Carvalho Silva.- Cajazeiras, 2010.  
36f.: il.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia) Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, 2010.  
Contém Bibliografia.  
Não disponível em CD.

1. Educação moral. 2. Educação Infantil. 3. Moral e ética. 4. Crianças - desenvolvimento moral e ética. 5. Aprendizagem moral. I. Universidade Federal de Campina Grande. II. Centro de Formação de Professores. III. Título

CDU 37.015.31:17.022.1

DANIELLY CARVALHO SILVA

A APRENDIZAGEM MORAL E ÉTICA NA INFÂNCIA: UM DESAFIO  
SOCIAL E ESCOLAR

Monografia apresentada à  
disciplina de Estágio  
Supervisionado em Docência do  
Curso de Pedagogia da Unidade  
Acadêmica de Educação, do  
Centro de Formação de  
Professores na Universidade  
Federal de Campina Grande,  
como exigência parcial para  
conclusão de curso.

CAJAZEIRAS-PB  
DAZEMBRO-2010

## RESUMO

Este trabalho monográfico apresenta considerações sobre o desenvolvimento moral e suas implicações na formação de crianças pequenas. Aponta a diferença entre moral e ética em interlocução com características de ambas na sociedade brasileira. Aponta a importância de uma sociedade sensível ao progresso moral na infância e de instituições como a família e a escola agirem como parâmetros para esse avanço. Assim, recorre-se a vários teóricos para consolidar este trabalho, como: Paulo Freire, Adolfo Vázquez, Terezinha Rios e David Fontana. A metodologia conta com a pesquisa Estudo de Caso, de modo que a abordagem qualitativa, os resultados da pesquisa condizem com as teorias que serviram de pressupostos para a construção deste trabalho, que constatou um déficit no ensino e no desenvolvimento moral e, por conseguinte, ético das crianças, evidenciando isto como um reflexo do meio em que vivem e da ética desta sociedade. Também recorre à Nova História Cultural, fundamentando este trabalho com as fontes de pesquisa: Narrativas Documentais. Aborda o estágio como essencial para o enriquecimento formativo no exercício da relação teoria e prática, em que se apresentaram situações no processo ensino aprendizagem que necessitavam de metodologias, de sensibilidade e de humanização, fatores amplamente discutidos na trajetória desta formação acadêmica. Conclui que o desenvolvimento moral é um aspecto complexo da formação infantil que perpassa desde atuação na escola, avanço cognitivo, gênese da personalidade até evoluir e alcançar a alteridade, o que anuncia a necessidade de reflexões mais profundas sobre a moral e suas implicações na formação do ser.

**Palavras - chave:** Educação. Desenvolvimento. Moral.

## RESUMEM

Esta monografía presenta consideraciones sobre el desarrollo moral y sus implicaciones en la formación de los niños. Señala la diferencia entre la moral y la ética en el diálogo con ambas características en la sociedad brasileña. Señala la importancia de una sociedad sensible a progreso moral en la infancia y las instituciones como las familias y las escuelas actúan como parámetros a este avance. Por lo tanto, se recurre a varios teóricos para consolidar este trabajo, como Paulo Freire, Adolfo Vázquez, Teresa Ríos y David Fontana. La metodología se basa en la investigación de casos de estudio, el modo que enfoque cualitativo, los resultados del estudio son consistentes con las teorías que sirvieron de supuestos para la construcción de esta obra, que registró un déficit en la educación y el desarrollo moral y ético por lo tanto los niños, mostrándolo como un reflejo del lugar donde vivan y la ética esta sociedad. También utilice la nueva historia cultural, basando este trabajo con la investigación de fuentes: Documentales Narrativa. Se acerca a la etapa esencial para el enriquecimiento del ejercicio físico en la teoría y la práctica, que había situaciones en el proceso de aprendizaje que requiere metodologías, la sensibilidad y la humanización, factores ampliamente discutido en el curso de formación académica. Llegó a la conclusión de que el desarrollo moral es un aspecto complejo de la formación desde la infancia corriendo por el rendimiento en la escuela, el avance cognitivo, la génesis de la personalidad para evolucionar y llegar a la alteridad, que anuncia la necesidad de profundizar en la reflexión sobre la moral y sus implicaciones en la formación de se.

**Palabras - clave:** Educación. Desarrollo. Moral.

## **LISTA DE FOTOGRAFIAS**

**FOTOGRAFIA 1** - Máscara de leão e dobradura de ratinhos encontradas no arquivo de planos do estágio, fonte: Danielly Carvalho Silva-----31

**FOTOGRAFIA 2** - Aluno utilizando material concreto no processo de ensino aprendizagem, fonte: Danielly Carvalho Silva -----32

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	7
<b>CAPÍTULO I: 1. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b>	9
1.1 Sujeitos e local da pesquisa	10
1.2 Instrumentos de coletas de dados	10
1.3 Tipo de pesquisa	11
1.4 Abordagem da pesquisa	11
1.5 O estágio como fonte de pesquisa	12
<b>CAPÍTULO II: 2. MORAL E ÉTICA: a diferença contextualizada</b>	13
2.1 Conceituando moral e ética	14
2.2 Aprender ética na infância: uma questão particular e universal	15
2.3 As contribuições de Freud para as investigações morais e éticas	16
2.4 A aprendizagem da ética no contexto social e escolar	17
<b>CAPÍTULO III: 3. CRIANÇAS EM DESENVOLVIMENTO MORAL E ÉTICO: uma análise construtiva</b>	20
3.1 Analisando a fala de crianças em formação moral	21
<b>CAPÍTULO IV: 4. MEMÓRIAS DE UM PASSADO RECENTE: histórias de uma práxis formativa</b>	27
4.1. A práxis no estágio	28
4.1.2 Nosso estágio e seu caráter formador: a inter-relação entre saber e ser	29
4.1.3 A criticidade e a humanização: duas vias no estágio	33
<b>CONCLUSÃO</b>	34
<b>REFERÊNCIAS</b>	37

## INTRODUÇÃO

Vivemos uma crise ética que perpassa todos os âmbitos sociais, em que se declara o direito a liberdade e a democracia, liberdade essa, regida por leis constitucionais e até educacionais que explicitam a formação humanista como regra básica.

Logo, a escola tem uma grande relevância na formação dos alunos. Mediante, essa afirmação proclamamos que os princípios morais e éticos são imprescindíveis para tal formação, visto que a todo instante somos levados a ter atitudes que implicam juízos morais que desencadeiam as mais variadas consequências para nossas vidas.

As crianças nascem como seres desprovidos de condutas e valores sociais, sendo formadas/moldadas de acordo com critérios que se tem por válidos, critérios por vezes dicotômicos e até contraditórios e que são intitulados de éticos. Se a ética e a moral são paradoxais na sociedade e na escola, logo isso é transferido para as posturas dos alunos. Portanto, como reações contra a moral e a ética nos educandos obstaculizam o processo ensino-aprendizagem?

Nesse sentido, a ética não é um paradigma racional que se reproduz, muito menos é contratualista ou mera técnica.

Assim, é essencial para nossa formação, enquanto pedagoga um estudo menos superficial da ética e da moral que venha possibilitar refletir sobre elas na escola.

Por isso, realizamos esta pesquisa na Creche Municipal São José – CAIC, situada na cidade de Cajazeiras, com uma turma da educação infantil. Investigamos assim, o desenvolvimento de seres que participam ativamente da interpretação e construção de valores morais e éticos e que podem desenvolver uma consciência ética que se efetive nas inter-relações com os especialistas da escola e com seus colegas. Portanto, tentamos contribuir no processo de humanização dos alunos e, por conseguinte, na formação de cidadãos que respeitam o direito a vida.

No primeiro capítulo discorreremos sobre características de nossa pesquisa de campo como um percurso essencial de análise e de fundamentação deste trabalho ao nos auto-reconhecemos como pesquisadores enquanto estudantes e, eventualmente como educadores.



No capítulo seguinte, para iniciarmos a teorização central conceituamos moral e ética apresentando de forma tênue o pensamento modernista ao focar o racionalismo, enquanto que na era pós-moderna vigora um relativismo camuflado na escola, o qual influencia fortemente o desenvolvimento do caráter e da personalidade das crianças.

Dando sequência, apresentamos comentários relevantes sobre representações infantis para o desenvolvimento moral e eventualmente ético dos mesmos.

Por fim descrevemos características importantes de nosso Estágio Supervisionado em Docência na sua relação teoria e prática.

Justificamos que o presente trabalho pode, eventualmente, torna-se um motivador no desenvolvimento humanista de sujeitos que tenham uma visão futurista, não se submetendo ao sistema capitalista, ao narcisismo e ao consumismo ideológico de nosso país. Assim, apresentamos questões inquietantes que suscitaram a construção desse trabalho:

- Será que um ambiente familiar conflituoso anti-moral e antiético obstaculizam o desenvolvimento da aprendizagem e desempenho escolar dos alunos?
- Como detectar os princípios geradores de atitudes não-morais dos educandos?
- Há uma relação existente entre atitudes rebeldes dos alunos e a falta da vivência moral e ético-reflexiva das crianças?
- Quais as conseqüências de condutas não morais e não éticas dos alunos para o baixo desempenho escolar e a indisciplina em sala de aula?

## **CAPÍTULO I**

### **1. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Neste capítulo iremos falar sobre o percurso metodológico da pesquisa de campo, ou seja, os caminhos que possibilitaram e corporificaram a mesma. Iniciaremos explicitando os sujeitos e local da pesquisa em pauta, em seguida apresentamos os instrumentos de coletas de dados. Posteriormente, dissertaremos sobre o tipo de pesquisa que optamos mostrando a necessidade e utilidade da mesma para a realização desta análise, discorreremos sobre o tipo de abordagem da pesquisa que escolhemos e por último falaremos sobre o nosso estágio como fonte de pesquisa. Vale ressaltar, que todos esses procedimentos se inter-relacionam para efetivar a pesquisa, portanto não são escolhidos aleatoriamente, mas se vinculam dando sentido a própria.

## 1.1 Sujeitos e local da pesquisa

Investigamos quais as posturas morais ou anti-morais de alunos da educação infantil entre 5 e 6 anos, e sua influência no desenvolvimento escolar e nas relações interpessoais que permeiam o processo ensino-aprendizagem dos mesmos. Nossa postura de pesquisadora foi a de quem tenta perceber as possíveis reflexões e suas limitações, e até mesmo a ausência reflexiva nas tomadas de decisão e atitudes dos educandos. Empreendemos a referida pesquisa de campo na Creche Municipal São José - CAIC, situada no bairro Pôr do Sol da cidade de Cajazeiras (PB).

Vale destacar, que nossas visitas a instituição escolar ocorreram no período de 13 a 20 de outubro de 2009, visando obtenção de informações dos sujeitos escolares.

No período de 22 de março a 14 de abril de 2010 voltamos a instituição objetivando coletar novas informações sobre o desenvolvimento dos alunos no que concerne ao processo ensino-aprendizagem. Pesquisamos, portanto, a relação dos funcionários da instituição entre si e com os alunos, o PPP da mesma, a situação sócio-econômica do bairro em que a creche está inserida, as condições da estrutura física da instituição, como ocorre o planejamento e qual a articulação entre os projetos e o PPP da instituição com o contexto e realidade dos alunos.

## 1.2 Instrumentos de coleta de dados

Para tanto, optamos pela observação como instrumento de coleta de informações, pois ela “É todo procedimento que permite acesso aos fenômenos estudados. É etapa imprescindível em qualquer tipo ou modalidade de pesquisa”. (SEVERINO, 2007, p. 125).

Posteriormente, tornou-se viável a técnica de coleta de dados através de entrevista semi-estruturada, por se tratar de uma população de crianças da educação infantil.

A entrevista operou-se de forma flexível com oito questões estruturadas previamente, mas sujeitas a alterações e complementaridade, à medida que novas questões foram surgindo, primando pela não tendenciosidade e ambiguidade, o que facilitou a compreensão/participação das crianças. Optamos por essa técnica, afinal,

“Essa é uma entrevista mais aberta que a estruturada, o que possibilita maior flexibilidade nas respostas e obtenção de falas que podem enriquecer ainda mais a temática abordada”. (MATOS, 2002, p. 63).

Em nova visita a referida instituição, realizamos outra entrevista com o docente e, considerando a faixa etária dos alunos, tivemos que adequar a entrevista a um diálogo com os mesmos, de forma que fosse mais espontâneo para que eles expressassem suas dificuldades e o que era prazeroso e frutuoso no processo ensino-aprendizagem. Intencionando, assim, analisar como se encaminhava o processo avaliativo, a interação professor-aluno e o desenvolvimento escolar e de aprendizagem dos educandos, o que serviu de embasamento para uma aula teste que realizamos no dia 12 de maio de 2010, com vistas a realização de estágio supervisionado.

### **1.3 Tipo de pesquisa**

Elegemos a pesquisa de estudo de caso por destinar-se ao estudo de um caso particular e pela simplicidade em sua execução.

Um estudo sobre ética na infância é algo raro, ainda é uma carência na educação brasileira. Nesse sentido, optamos pela pesquisa explicativa visto que ela “[...] pretende identificar os fatores que contribuem pra a ocorrência e o desenvolvimento de um determinado fenômeno. Buscam-se aqui as fontes, as razões das coisas”. (GONSALVES, 2001, p. 65).

### **1.4 Abordagem da pesquisa**

Nossa abordagem foi qualitativa, por ser uma abordagem interpretativa de um fenômeno e de significações que as pessoas atribuem a suas práticas e por ser compatível com a pesquisa exploratória. Esclarecemos a opção por essa abordagem ao concentrar nossa atenção em fundamentos epistemológicos de desempenho escolar e, por conseguinte, social, visto que a ética e a moral são construídas e aprendidas em meio a um contexto sócio-cultural.

Realizamos uma pesquisa de exploração de respostas consistentes e ao mesmo tempo em condições de flexibilidade, o que possibilitou aos alunos expressarem o que fazem, sentem, sabem, representam e pensam. Conseguindo, assim, informações que serviram de meios para a construção da pesquisa em pauta.

## **1.5 O estágio como fonte de pesquisa**

Para descrever como foi o nosso estágio supervisionado em docência recorreremos as fontes documentais, que registram as memórias do estágio através das narrativas do diário de campo e dos planos de aula e atividades organizadas num arquivo, como metodologia e fonte de pesquisa na busca de uma auto-análise e como forma de relacionarmos nosso estágio em seus aspectos sociais e culturais a nosso objeto de estudo: O desenvolvimento moral-ético.

Assim, nos reportamos as nossas posturas e experiências em sala, lembrando através de documentos como o nosso arquivo de planos, em que constam planos de aula, atividades, histórias, alguns recursos e alterações metodológicas, utilizadas durante o estágio, e o nosso diário de campo que foi construído paulatinamente no decorrer dos dias, evidenciando momentos importantes de nossas aulas com narrativas que serviram de aportes tanto para nossa formação como para enriquecimento deste trabalho monográfico.

Muitas vezes enxergamos a História como fragmentos de realidades vividas, isto é, como fatos de tempos remotos que nada tem haver conosco. Isso só confirma que documentos científicos rigorosamente investigados não conseguem acoplar tudo o que uma realidade/contexto expressa. Sobre esse prisma,

A narrativa é fundamental por ter a capacidade de articular os traços da experiência temporal, isto é, o tempo só se mostra inteligível para o homem na medida em que ele é pensado de modo narrativo. Deste modo, ressalta Chartier, não se trata propriamente de um retorno da narrativa, mas sim de um deslocamento da prática historiográfica para outras estruturas narrativas não consideradas pela história até então, [...]. (OLIVEIRA, 2009, p. 02)

Nessa perspectiva, a Nova História Cultural reconhece as representações/narrações como memórias que nos fazem imaginar e até mesmo nos

colocarmos no contexto/pessoa da realidade interpretada, presenciando o que nossa ausência não pode observar. No que diz respeito ao nosso estágio podemos dizer que nossos documentos: o diário de campo e o arquivo de planos de aulas são materiais novos de experiências ainda pouco abordadas e publicadas, mas de sentido imprescindível para este trabalho.

## **CAPÍTULO II**

### **2 MORAL E ÉTICA: A DIFERENÇA CONTEXTUALIZADA**

Neste capítulo, inicialmente iremos falaremos sobre a existência de certas diferenças e impasses acerca da moral e da ética na sociedade brasileira, apontando a dicotomia entre ética e moral e de como é necessário identificar os problemas prático-morais nas atitudes das crianças. O foco seguinte é apresentar a importância da ética na infância em um processo de aprendizagem singular da mesma, em relação com o mundo que a cerca. Logo após, nos respaldamos em aportes da psicologia mostrando como a moral perpassa o desenvolvimento da personalidade e da necessidade de ruptura do egocentrismo das crianças. Em seguida, concluímos com considerações pertinentes sobre o processo constante e moral-ético de feitura do sujeito estudantil, em inter-relação com a família e a comunidade. Ponderando, assim, sobre o caráter utópico da educação que nos permite distinguir o real do devaneio, para se efetivar a realização e felicidade dos alunos.

## 2.1 Conceituando moral e ética

Objetivamos empreender interpretações acerca das complexidades moral-éticas e suas implicações em práticas socialmente construídas ou impostas a crianças pequenas. Dissertar sobre a moral-ética, implica apresentar considerações fatuais sobre a ética da contradição, a ética da ambigüidade em que vivemos.

Em um passado não muito distante o normalismo moralista regia a sociedade feudal da Idade Média, em um processo de ruptura desse absolutismo surge a Modernidade, a era da solução para toda coerção, basta que o homem seja o centro do mundo, pois a razão o egocentrismo e a autonomia econômico/científica de homens livres pelo pensar destruiria a raiz maléfica da humanidade: a classe dominante. Não alcançando, obviamente, esse objetivo, se fomenta a era do relativismo moral-ético, a chamada pós-modernidade: agora sim, basta focar o pluralismo cultural, o ecumenismo, a planetariedade, ou seja, o mundo policêntrico e teremos a solução dos problemas e necessidades morais e éticas. Será? Se tudo é relativo como obter isso?

Mas afinal, o que é ética? Qual a dicotomia entre ética e moral? Podemos dissociar ética de moral?

Mediante tais questionamentos, pode-se dizer que,

Será inútil recorrer a ética com a esperança de encontrar nela uma norma de ação para cada situação concreta. A ética poderá dizer-lhes, em geral, o que é um comportamento pautado por normas, ou em que consiste o fim -- o bom-visado pelo comportamento moral, do qual faz parte o procedimento do indivíduo concreto ou o de todos. O problema do que fazer em cada situação concreta é um problema prático-moral e não teórico-ético. (VAZQUES, 1982, p. 7).

Ética, moral e ethos estão em íntima conexão o que torna evidente a anulação da ideia de que ética e moral são sinônimos em sua totalidade. A ética corresponde ao estudo e análise crítico-reflexiva de postura e condutas morais do sujeito em determinado contexto social ou mesmo a normas que regulam e orientam o comportamento do homem. Então a ética deve estar intrinsecamente ligada ao ethos, que são os costumes de uma realidade social.



Todavia, isso não acontece com crianças, jovens e adultos. O advento dessa nova era gera uma crise generalizada, que confunde a mente e vida das crianças prejudicando sua aprendizagem, desenvolvimento e uma possível realização.

## 2.2 Aprender ética na infância: uma questão particular e universal

Para uma realização pessoal de crianças pequenas é necessário que elas reflitam sobre suas ações e se desenvolvam moral e eticamente, assimilando posturas altruístas. Entretanto, por não serem instigadas a pensar elas acabam incorporando normas e regras sociais sem perceberem as respostas disso para suas vidas. Em um mundo que prega o relativismo, como o nosso, estas convicções/absorções acabam se transformando em obstáculos e impasses para a vida humana.

Nessa perspectiva, entronizar algo é diferente de aprender, quando ocorre o aprendizado pressupõe-se uma conversão em potência na criança, ela torna-se diferente do que era antes. “[...] o aprendizado consiste em uma mudança persistente no comportamento potencial do indivíduo devido à experiência”. (FONTANA, 1998, p.155). Assim, torna-se imprescindível que a criança tenha experiências de eticidade para que possa desenvolver-se de forma crítica, na medida em que auto e socialmente ela desenvolve sua personalidade e identidade.

Falar de desenvolvimento moral implica dizer que crianças recebem influência do meio em que vivem, e a escola é um desses espaços, se a criança não age eticamente o seu desempenho escolar e social poderá consistir em alienação ou escravidão de sua própria vontade e interesses, sem a preocupação com o outro e com uma mudança de vida socialmente construída. O que ainda pode acarretar uma negligência com os estudos, por enxergá-los como algo externo e dissociado de suas vidas. Nessa perspectiva,

Trabalhar o egocentrismo próprio da infância possibilita a criança compreender a realidade, desenvolver a consciência crítica, fazendo com que ela não fique, portanto, com uma visão reduzida e fragmentada do cotidiano. Devemos nos lembrar que a educação ética, comprometida com a universalidade, e moral, enquanto fenômeno particular, atua no desenvolvimento das potências dos educandos, cada um em sua irredutível singularidade, em tensão dialética com as potencialidades coletivas de seu grupo (particularidades) e de toda a humanidade (universalidade). (CASALI, apud PEREIRA, 2007 p. 212).

Já dizia Durkheim que a criança nasce como um ser “associal”, isto é, desprovido de condutas e normas sociais, o que significa que ela não nasce ética. Portanto, para que se efetive a eticidade é preciso que se rompam as barreiras do individualismo, só há ética se houver um consenso, somente se a criança tiver consciência de que a promoção da vida está intrinsecamente ligada ao bem comum.

### **2.3 As contribuições de Freud para as investigações morais e éticas**

Desenvolver/sensibilizar a consciência ética em crianças pequenas não é fácil, principalmente porque discipliná-las pode ser confundido pelos adultos com reprimi-las, o que pode encadear problemas de crise identitária, baixa auto-estima, agressividade e até a ausência de auto-respeito. O psicanalista Sigmund Freud analisou a formação da personalidade na criança, concluindo que existem três estágios de formação da personalidade: o id, ego e o superego. Com relação a isso, Fontana (1998, p.228), apresenta um exemplo interessante e dialético da ação desses estágios:

Um exemplo útil do funcionamento do id, ego e superego é a criança que vê bolinhos de dar água na boca numa bandeja na cozinha. O id diz ‘vá pegar um’ (o princípio do prazer) mas o ego diz ‘não, mamãe ou papai vão descobrir e me castigar’ (o princípio da realidade). Pressupondo que a necessidade do id de evitar o castigo seja maior do que sua necessidade do bolo, o princípio da realidade prevalecerá e a criança não pegará o bolo. Porém, se o ego se convencer de que mamãe ou papai não tem como saber que um bolinho foi tirado e que não há riscos de castigo, então o princípio da realidade do ego vai concordar ‘vá em frente’ e a criança pegará o doce. Mas – e é um grande mas – se o superego tiver se desenvolvido, ele se intrometerá com ‘mesmo que mamãe ou papai não descubram, é errado pegar o bolo’ (o princípio da moralidade).

Embora Freud não tenha analisado da forma que apresentamos aqui, é fato que essa criança está em processo de aprendizagem moral-ética, de reflexão de sua postura e conduta em uma determinada situação e contexto. Analogamente, na sociedade brasileira deste século, a ideologia difundida é a de que o bom é viver regido por seus próprios prazeres, logo as crianças também são instigadas a saciar seus impulsos de prazeres momentâneos. Porém, elas vivem em uma realidade, em que esses “instintos”

podem ser freados pelo autoritarismo ou pelo disciplinamento justo dos adultos. Mas há ainda outros fatores, ou mesmo o “jeitinho brasileiro”, a partir dos quais a criança pode pensar que não havendo possibilidade dos pais perceberem que ela comeu o bolo, então ela comerá o doce, isto é, ela pode estar usando da ideologia neoliberal do engano, da mentira, ou porque ela é instigada a agir assim, pelo meio capitalista em que vive, ou pela simples satisfação de seu ego e promoção pessoal. Depois de todo esse percurso será um grande êxito em sua formação humana, se a criança conseguir perceber que não é somente sua satisfação que basta, passando a pensar no outro e em um possível bem comum.

## **2.4 A aprendizagem da ética no contexto social e escolar**

Torna-se pertinente refletir sobre o exemplo de Fontana, abordado anteriormente, numa perspectiva social e cultural no progresso ou regresso, escolar da criança. Se no ambiente escolar ela for sempre movida pelo impulso do id, como ela irá se relacionar com os colegas quando não corresponderem suas perspectivas de prazer? Como ela conseguirá aprender conteúdos que nem sempre são prazerosos para si? Como ela terá autonomia?

Percebemos assim, que o id, o ego e o superego formam um processo dialético que serve de alicerce de reflexão e formação moral-ética. Recebendo o fluxo de conhecimentos, informações, estímulos e desestímulos da escolarização, é que a criança desenvolve a ética ou a antiética.

Logo, a escola tem papel imprescindível como facilitadora do processo de interpretação da criança sobre suas ações e seus resultados. A escola é, então, co-responsável pela liberdade de escolha da criança, estando a serviço da formação do cidadão e não da coerção ideológica, moralista neoliberal. Assim,

[...] inacabados, mas conscientes do inacabamento, seres da opção, da decisão, éticos, podemos negar ou trair a própria ética. O educador que, ensinando Geografia, ‘castra’ a curiosidade do educando em nome da eficácia da memorização mecânica do ensino dos conteúdos tolhe a liberdade do educando, a sua incapacidade de aventurar-se. (FREIRE, 1996, p. 56-57).

Em seu livro “Pedagogia da Autonomia”, Paulo Freire defende com veemência uma educação libertadora do tradicionalismo.

Assim, num contexto normalista, é pertinente que as crianças interpretem, compreendam e critiquem eticamente regras sociais existentes, usando de sua liberdade para mudar a visão relativista sobre ética. Na moral-ética não pode haver relativismo, pois há valores explicitando o que é certo e errado, isso deve acontecer de forma consensual, para não cairmos no dilema das questões que seguem: Por que será que muitas crianças pequenas não refletem antes de agir? Por que morder, beliscar, gritar e agredir é tão comum entre elas? Como isso influencia na sua aprendizagem?

Ora, aprender implica uma transformação no sujeito provocada por alguma experiência. Então, para a criança aprender a letra A será preciso que ela reflita sobre a decisão de aprendê-la e sobre que ações serão necessárias para aprendê-la. Isso só é viável se ela tiver uma experiência que suscite nela esse interesse.

Contudo, há uma ambivalência entre a formação escolar e familiar que dificulta isso, ao invés de se aliarem elas criam uma arena de luta que flagela o desenvolvimento das crianças. Os valores e atitudes dessas instituições não podem ser paradoxais. A ética só é possível na coletividade social, portanto, “as atitudes das crianças não dependem unicamente da ação da escola, mas têm intrincadas implicações de natureza tanto psicológica quanto social, nas relações de vida familiar e comunitária”. (BRASIL, 2001, p. 67).

Não obstante, os pais têm, geralmente, uma visão da creche e/ou pré-escola como o lugar do cuidado e zelo pela integridade física das crianças e não como espaço de desenvolvimento integral. O que é evidenciado no comentário que segue,

Ouso dizer que só uma sociedade que teve escravos poderia imaginar que as tarefas ligadas ao corpo e a atividades básicas para a conservação da vida — alimentação, higiene — seriam feitas por pessoas diferentes daquelas que lidam com a cognição! Só uma sociedade que teve escravos — expressão máxima da desigualdade — que teve seu espaço social dividido entre casa-grande e a senzala, poderia separar estas duas instâncias da educação e entender que cuidar se refere apenas a higiene, e não ao processo integrado envolvendo a saúde, os afetos e valores morais. (KRAMER; BAZILIO, 200, p. 78 apud PEREIRA, 2007, p. 213).

Sobre esse prisma, uma pedagogia da aliança família-escola é o mínimo que esperamos para a formação ética.

Todo esse esforço, só tem um intuito: a felicidade e realização dos alunos, que numa era de relativismo como a que vivemos não passa de projetos e esperanças. Nessa perspectiva, esperança não é ficar estático e vulnerável a outros acontecimentos diferentes do que se espera, mas ir construindo o caminho da esperança. Isso remete para uma transcendência de nossas próprias vontades e impulsos humanos.

Portanto, não se pode considerar como adequada à natureza humana em geral a felicidade que hoje se reduz às tendências egoístas do indivíduo ou ao seu 'espírito de posse'. Numa sociedade na qual não vigore o princípio da propriedade privada nem a onipotência do dinheiro, e na qual o destino pessoal não se possa conceber separado da comunidade, os homens terão de buscar outro tipo de felicidade. (VAZQUEZ, 1982, p. 138).

Talvez seja por isso que vivemos em crise constante, porque criamos como seres onipotentes, o que consideramos melhor para si. Nessa visão, a aprendizagem na infância só será ética quando ultrapassar o reducionismo da vontade própria efetivando a práxis educativa, costurando o refletir ao agir.

## **CAPÍTULO III**

### **3. CRIANÇAS EM DESENVOLVIMENTO MORAL E ÉTICO: UMA ANÁLISE CONSTRUTIVA**

Este capítulo tem por finalidade refletir e analisar sobre questões que fazem referência a moral e, conseqüentemente, a ética gestada por discentes em estágio pré-escolar. Diante desse objetivo, criamos comentários que se interligaram a pensamentos de teóricos como Paulo Freire, Bill Green e Chris Bigun, na intenção de articular nossas observações e investigações as respostas dos alunos.

Para tanto, nosso raciocínio foi sensível a idade e experiências cotidianas dos mesmos, visando uma interlocução entre o conhecimento de mundo deles e o conhecimento elaborado sobre moral, tentando não subestimar suas capacidades e habilidades, espontâneas de associação e criatividade.

Ressaltamos que, para corresponder a fala dos alunos citados; recorreremos a uma associação da identidade dos alunos as letras do alfabeto.

### 3.1. Analisando representações de crianças em formação moral

A infância é uma fase do desenvolvimento complexa e permeada de confusões interiores. Se a educação e os ambientes não forem harmônicos para tal desenvolvimento facilmente encontraremos distúrbios na personalidade e, principalmente, no caráter das crianças.

Para refletir sobre tal desenvolvimento é que objetivamos analisar informações, compará-las e chegar a considerações coerentes e significativas no que concerne a determinados comportamentos das crianças.

Diagnosticamos que as crianças pesquisadas são pequenos seres que refletem sobre certos aspectos dos quais foram questionados, porém, são influenciados por ambientes conflituosos o que é perceptível na fala do aluno B quando indagado sobre quais as pessoas que ele respeita e por que: “Minha mãe, meu pai e minha avó. Porque senão eles batem em mim [...] minha mãe diz que Deus está trabalhando na minha vida” (entrevista 19/10/2009, 5 anos de idade).

Conseguimos perceber que essa criança não demonstra nem por medo de uma repreensão, uma contenção em suas atitudes, o que põe em dúvida sua fala. Ao contrário, a mesma demonstra impulsividade e rebeldia, o que pode eventualmente ser consequência de possíveis coerções. Contudo, não acreditamos nisso, pelas palavras que seguem sua compreensão, evidenciando uma relação dialógica entre a mãe e a criança, além de deixar clara, a opção religiosa da mãe que já influencia nas palavras do filho (a). Concluimos isso porque algo aparentemente consensual entre as religiões é a harmonia, a solidariedade, a paciência e a esperança, o que parece evidente na fala: “Minha mãe diz que Deus está trabalhando na minha vida.” Notemos que ele usou o verbo “diz” no presente e não “disse”, fazendo-nos supor que sua mãe “acredita” e não “acreditava” num equilíbrio feliz de sua vida.

Sabemos que ética consiste também em um conjunto de normas e regras que podem ser legitimados ou não. Desse modo,

[...], para que um indivíduo se incline a legitimar um determinado conjunto de regras, é necessário que o veja como traduzindo algo de bom para si, como dizendo respeito a seu bem-estar psicológico, ao que se poderia chamar de seu projeto de felicidade. [...] Poderá, às vezes, comportar-se como se as legitimasse, mas será apenas por medo do castigo. (BRASIL, 2001, p.76).

Considerando esta compreensão observamos que o aluno B tem um entendimento sobre o que é respeito, embora seja um entendimento difundido socialmente na educação tradicional, a visão de confundir respeito com medo.

Por isso, a escola tem papel fundamental para que esse e os demais alunos reflitam sobre conceitos e reações como essa, para que os alunos passem do sentido simbólico de regras e princípios para o real. Refletir antes, depois e durante uma ação é corriqueiro entre nós. Então, porque às vezes é tão difícil tomar certas decisões?

Se para nós isso é complexo, imaginemos para crianças em pleno desenvolvimento de seu caráter, numa fase em que o ser humano aprende e se desenvolve tão rapidamente. Nós, adultos temos dificuldade para nos adaptarmos ou para aprender uma nova língua, um novo esporte, uma nova dança, as crianças, porém estão a uma distância de aprendizagem dos adultos que se faz na “velocidade da luz”, elas podem nos surpreender ao aprender tudo isso simultaneamente.

Desse modo, a criança passa a perceber que existe independente de suas ações, o que é um fator que caracteriza o egocentrismo e a carência, que por vezes encontramos na infância, podendo perceber suas ações como isoladas de suas vidas. Há na educação um entendimento, de certo modo, equivocado que camufla esse raciocínio. Como destacamos:

Num ambiente desafiador e que possibilita interações adequadas, desde muito cedo a criança age com crescente independência. Ela aponta para pessoas ou coisas de que gosta e decide o que vai explorar. Ao tomar decisões e fazer escolhas, ganha um sentido de controle e eficácia pessoal, como se dissesse: “Sou alguém que consegue fazer isso”. [...], é preciso intervir sempre que necessário e ajudá-los a entender como se faz determinada coisa. À medida que o ambiente os encoraja a ser independentes, eles também têm de se proteger contra experiências que causem vergonha [...].(MOÇO, 2010, p.48)

Muitas vezes temos um sentido equivocado de liberdade ao confundi-la com independência, com ser dono do próprio nariz, há então um paradoxo nos argumentos acima. Como as crianças serão independentes se sua formação moral depende em profundidade da ajuda dos outros para que desenvolva um discernimento moral?

Com efeito, desde cedo os alunos usam de suas descobertas espontâneas, através de investigações curiosas e perspicácia natural. Assim, não se forma um cidadão



pela televisão ou com textos eletrônicos, eles precisam de motivação, afetividade, contato corporal com o mundo.

Desse modo, o aluno A apresentou compreensões sobre bom e mal ao analisarmos sua resposta: “(mal) É a gente dá no povo [...]”. “(errado) Os outros roubarem”. “(bom) Silêncio”. ( entrevista, 19/10/2009, seis anos). Esse aluno soube responder o conceito de mal, errado e bom para ele, porém, não analisou o conceito de certo. De forma geral, as crianças pesquisadas detiveram suas respostas nos conceitos negativos, certamente porque na educação formal que temos, procuram-se os erros em detrimento dos acertos, os desestímulos em paralelo aos estímulos.

Na fala do entrevistado ele é submetido a uma adequação de comportamento silencioso e não agressivo. Muito provavelmente esse é um estereótipo social que a criança reproduziu ao constatarmos que sua resposta não foi em torno de um bem para si.

Além disso, em nossa sociedade as informações são maquiadas, é a ideologia, prevalecendo á estética, a falsa generosidade e o sensacionalismo padrão que influenciam a vida das crianças, subjugando suas potencialidades por não se equiparem ao modelo das “virtudes” socializadas.

No livro “Alienígenas na sala de aula”, percebemos a preocupação com uma escola impotente diante das novas tecnologias, como é apontado a seguir,

Os/as educadores/as e também os administradores/as são os únicos a ver com alguma preocupação o aparecimento em cena daquilo que chamamos aqui de alienígenas. Os pais e as mães também têm expressado esse tipo de preocupação, assim como o tem feito, de forma mais geral, a esfera pública convencional ( a opinião pública). Tem havido, recentemente, na Austrália e em outros países, uma onda crescente de pânico moral, cujo foco é o suposto desvio da juventude contemporânea – não apenas sua diversidade ou sua diferença, mas, mais radicalmente, sua alteridade, e a ameaça que isso apresenta para o/a observador/a, para o olhar do ego, para o olhar do sujeito, para o eu. Esse desvio é oficialmente representado e construído não como a mudança que tão claramente parece ser, mas como uma questão de deficiência, de incompletude e de inadequação. (GREEN; BIGUM, 1995, p.208).

Então, há uma confusão de papéis e uma inversão de valores, é como se a juventude estivesse no comando de uma realidade relativa. Esse raciocínio foi feito a quinze anos atrás e atualmente o pânico parece ter mudado de letargia , para

permissividade, ambição, erotismo e sensualismo. A infância é cada vez mais curta em prol dos hormônios e da ilusória maturidade.

Uma fala que reflete a estética padronizada é a do aluno C: “(certo) é quando uma pessoa faz um negócio para uma pessoa ficou certa e ficar bonita [...] porque se eu fizer alguma coisa, ai não dá certo eu fazer uma coisa errada. Porque senão, vão botar eu de castigo na minha casa”. (entrevista 19/10/2009, 5 anos). Quando questionado sobre seu futuro a resposta foi. “Crescida? Eu quero ser, eu quero ser doutora, professora, eu quero cortar cabelo, como é o nome de quem faz isso, eu não sei?”. Porque você quer isso? Reposta: “ Eu estava alisando o cabelo da minha madrinha aí eu percebi”. (entrevista 19/10/2009, 5 anos.)

Libertar-nos da vaidade do sistema que vivemos é uma luta travada desde muito tempo, com o pensamento lógico e bem articulado dessa criança, vemos a associação feita entre o presente e o que deseja no futuro com uma visão confusa de querer muitas profissões, mas de se deparar com as limitações de sua vivência. Algo óbvio nessa fala e na de todos os entrevistados é uma visão de futuro capitalista, de profissionalismo seco, o puro reflexo da escola propedêutica. Como serão os futuros adultos se continuarmos com essa educação familiar e escolar? Meros profissionais autômatos, sem ética e sem caráter? Serão como os adultos de hoje acometidos pelo mal do século: as doenças psíquicas como o estresse e a depressão? Ou serão cansados e inquietos pela falta de tempo? Ou até carentes na vida afetiva?

Indignado com a opressão do ser humano na ausência do “ser mais”, Paulo Freire com pensamentos futuristas proclamava em meados da ditadura militar:

Mais uma vez os homens, desafiados pela dramaticidade da hora atual, se propõem, a si mesmos, como problemas. Descobrem que pouco sabem de si, de seu pôsto (sic) no cosmos, e se inquietam por saber mais. [...]. Indagam. Respondem, e suas respostas os levam as novas perguntas. (FREIRE, 1970, p.29).

Essa insatisfação na busca da humanização é algo raro atualmente, a escola é uma instituição falida no que deveria ser seu objetivo unificador, formar o “ser mais”. Existem mais oprimidos do que opressores e ao invés de romper com esse sistema, o que parece inviável dado nossa bagagem cultural e histórica de exploração, apenas luta-se para mudar de posição de oprimido para opressor, mas como nem todos podem ser opressores isso só alimenta o sistema.

Vale frisar, que nossa intenção com as questões que fizemos as crianças foi levá-las a refletir sobre si e sobre o mundo. Tivemos respostas diferentes e uma nos chamou atenção, pois o aluno D não argumentou sobre o conceito de bom, porém “(ruim é) trair uma mulher” (entrevista 19/10/2009 sexo masculino) em geral as crianças não respondiam o mesmo para os conceitos de sentidos similares como bom, certo, agir bem, respeito ou mal, errado, agir mal e desrespeito o que demonstra um raciocínio particular para cada resposta, percebendo a diferença entre os conceitos ou talvez não conseguissem fazer ainda, a associação entre palavras de significado sequencial. Mas, voltemos a considerar a resposta “(ruim é) trair uma mulher”, essa criança teve uma resposta bem peculiar de sentido moralista, contudo, por ter cinco anos nos impelimos a dizer que essa não é uma visão pessoal, a palavra traição aqui leva-nos a entender que por influência televisiva ou familiar, ela certamente está associada ao adultério que é exacerbado em novelas, filmes e ambientes conflituosos. Mas, por que será que essa criança escolheu uma resposta tão intrigante?

Sendo assim, Fontana, (1998, p. 253), aponta o primeiro estágio moral de Kohlberg:

Moralidade pré-convencional [...]. Idade aproximada de 2-7 anos. 1. Orientação para castigo e obediência. As crianças não têm um sentido moral real, mas seu comportamento pode ser moldado por um simples reforço. 2. Individualismo propósito instrumental e trocas. Uma ação “certa” é aquela que funciona pessoalmente para a criança. A criança pode parecer capaz de satisfazer as necessidades de outros, mas isso se dá apenas porque o resultado é diretamente favorável a ela.

Kohlberg analisou os estágios operacionais de Piaget, chegando a essa conclusão. Embora haja críticas a ambos, pela universalização desses estágios, por exemplo, é fato que até hoje esses estudos embasam as pesquisas sobre comportamento moral. O que nos faz pensar que o/a aluno/a talvez não tenha, ainda, a capacidade de discernir sobre conceitos tão amplos. Todavia, o adultério não é mesmo algo bom em nossa cultura, havendo coerência em sua afirmação. Sua resposta não foi errada apenas descentrada da infância.

A mesma criança quando foi indagada sobre respeito apontou sua família como alvo dessa consideração, entretanto, não explicou o porquê de tal respeito, embora, sua afirmação fosse “(quando respeito) eu dou abraço, beijo eles.” (ip.cit.). Logo ela

vinculou respeito a afeto, o que é um pensar significativo, um gesto de respeito é um gesto de amor, mesmo que não seja expressado corporalmente com beijos e abraços.

Inerente a essa reflexão está o equilíbrio harmônico da moral e da ética na aprendizagem e no ciclo: paciência, flexibilidade, sensibilidade, emoções, competências lógicas e cognitivas.

Nessa direção, a complexidade da educação contemporânea encontra seus entraves num universo cercado pela desumanização.

Portanto,

[...] a maioria das escolas faz muito pouco de forma sistemática e focalizada para desenvolver o 'ser' nas crianças. No entanto, 'ser' é a essência de nossa vida. Podemos ser a pessoa mais culta sobre o sol, mas isso será pouco consolo para nós se experienciarmos a nós mesmos de forma confusa, infeliz ou insatisfatória. O 'saber', em última instância, deve alimentar o 'ser' para ter um real valor para o indivíduo. (FONTANA, 1998, P. 294).

Isto implica dizer que para uma educação frutuosa, teremos que punir nosso ego envaidecido e nossas posturas egoístas. Teremos que negar uma provável retórica e os diagnósticos falseados de educação promissora. Teremos que expor nossas práticas ocultas de construtivismo que, por vezes, não passam de falácia. Enquanto não reconhecermos que nos autodestruímos ao negar às crianças uma construção digna de vida, de auto-estima, de auto-aceitação e de estado pleno de espírito, estaremos fadados a uma ilusão de óptica, enxergamos tudo perfeito, mas na verdade é tudo engano. O que precisamos não é mudar de foco, mas sanar a visão.

Entretanto, não sejamos ingênuos de pensar que a escola é esse "nós" a que nos referimos, não há luta só com um guerreiro. Além do mais, a escola não é uma esfera separada do mundo, não tenhamos a ilusão de que ela pode tudo, mas também não sejamos negligentes pensando que ela não pode nada.

## **CAPÍTULO IV**

### **4 MEMÓRIAS DE UM PASSADO RECENTE: HISTÓRIAS DE UMA PRÁXIS FORMATIVA**

Neste capítulo, relataremos como se concretizou o nosso estágio supervisionado em docência, intencionando apresentar características, meios e desafios que nortearam tal experiência. Para esse fim, realizamos um mergulho em nosso processo formativo no Curso de Pedagogia, na efetivação da relação teoria e prática, buscando uma formação identitária e uma possível sensibilização na formação dos alunos, fatores estes que integram não apenas a profissão docente, mas também o ser docente. Para tanto, relacionamos tais argumentos/considerações a nosso objeto de estudo: o desenvolvimento moral, buscando encontrar características em nossas narrativas documentais que subsidiassem essa construção.

#### 4.1A práxis no estágio

Neste momento do trabalho destacaremos a vivência do estágio supervisionado em docência que serviu para consolidar os eixos, âmbitos e aspectos que integram a identidade e a profissão docente. Desse modo, realizamos uma espécie de mergulho em nosso percurso de formação e em nossa trajetória de idealização e atuação no estágio.

Para tanto, fazemos referência à importância de planejar as aulas sempre pensando sobre a prática e as dimensões que compõem a educação. Em face disso, nos recordamos dos conhecimentos experienciados durante o Curso de Pedagogia, destacando a disciplina Planejamento Escolar, que por sua vez, apontou o planejar como ato processual, tal qual se segue:

O caráter de processo indica, também, que um plano prévio é um roteiro para a prática, ele antecipa mentalmente a prática, prevê os passos a seguir, mas não pode determinar rigidamente os resultados, pois estes vão se delineando no desenvolvimento do trabalho, implicando permanente ação, reflexão e deliberação dos educadores sobre a prática em curso. (LIBÂNEO, 2004, p.150).

Sendo assim, afirmamos que isso foi vivido por nós, ao projetarmos nossas aulas direcionando a prática em comunhão com a teoria. Porém, jamais poderíamos definir rigorosamente seus resultados. No instável processo de nossas aulas, tudo era reversível, desde alterações iniciais de acordo com o humor das crianças ao acordarem até seu fechamento imprevisível devido às mudanças no desenrolar das aulas.

Tendo em vista um desenvolvimento promissor de nosso estágio, passamos ainda, por um período de adaptação à cultura organizacional da escola e às próprias crianças, o que ocorreu de forma recíproca. Tal cultura faz parte de muitas reflexões/estudos gestados no transcorrer de nosso processo formativo, o que é confirmado abaixo,

Atualmente, as organizações são definidas como universos simbólicos constituídos por representações mentais, idéias, mensagens, discursos e símbolos que envolvem aspectos ideológicos, científicos, artísticos e técnicos, cujas manifestações se revelam através de valores, crenças, normas morais, conhecimentos, expressões estéticas, técnicas, mitos, lendas, preconceitos, estereótipos, costumes, dogmas, convenções sociais, e etc. (BRITTO, 1999, p.130).

É visível, então, a íntima relação entre nosso objeto de estudo: o desenvolvimento moral-ético e a complexidade que envolve tanto a cultura organizacional da creche/escola como os sujeitos nela envolvidos. Não há como falar de uma cultura historicamente construída sem falar de moral e ética, sem englobar normas e diretrizes que cercam a humanidade.

Nessa perspectiva, observamos em nosso estágio que a cultura organizacional e escolar influenciava nas decisões moralistas das crianças, elas tinham, como em toda instituição, que se adaptar a uma cultura já construída que marcava suas decisões.

Algo que evidencia uma influência cultuada em nosso meio de falta de sensibilidade/partilha é o que recordamos a seguir:

Neste dia nos deparamos com uma situação que apontou o impasse de decisões morais de algumas crianças: No horário do lanche, as mesmas encontravam-se no refeitório num vai-e-vem de um copo de iogurte para decidirem, a força, quem iria ingerir a bebida. A professora interveio e dividiu a bebida entre os dois, com o aborrecimento de um deles que afirmava que a coleguinha (que estava 'fora' do atrito) havia cedido a bebida a ele e não ao outro colega. Com poucos instantes, outra colega cedeu seu iogurte e a cena se repetiu entre os mesmos alunos, desta vez nós intervimos e explicamos a um deles que o outro colega a pouco tempo havia partilhado o iogurte ganhado e agora era a vez dele. A criança permitiu, mas em seu rosto se estampava o mesmo aborrecimento do colega anterior. (DIÁRIO DE CAMPO, 20/09/2010)

Isso vem confirmar o que nossos estudos, especialmente sobre a psicologia, já relataram: Que as crianças têm dificuldades, por aspectos sociais, filosóficos, políticos e culturais, de interiorizarem uma moral de comportamento favorável não apenas a si, mas também ao outro.

#### **4.1.2 Nosso estágio e seu caráter formador: a inter-relação entre saber e ser**

Não raro percebemos que a profissão docente é cercada de dilemas e desafios. Dessa forma, iniciamos nosso estágio com uma vontade de explorar metodologias e técnicas com vistas a superar alguns desses dilemas, acabamos então, vivenciando o que para nós foi um dos maiores desafios: contribuir para a formação do ser e do saber, simultaneamente, nos educandos.

Nesse sentido, utilizamos diversas metodologias/recursos como: fantoches de varetas/mão, palco para teatro, máscaras, painéis, dobraduras, enfim, criávamos ambientes de acordo com o que percebíamos que conquistava a atenção das crianças e gerava um significado em suas vidas. Nossa postura não era de adocicar o trato com as crianças, mas de manter a disciplina sem, contudo, deixar de reconhecer seus progressos com eventuais elogios. Assim, as metodologias eram escolhidas com uma intenção prévia, servindo de mediadoras entre os conteúdos e os discentes, o que confirma que a prática educativa jamais é neutra, como vislumbra Rios (2004, p.52),

Dá-se ênfase à dimensão afetiva, e o bom educador acaba sendo aquele educador 'bonzinho' já mencionado. A dimensão moral aí, exatamente porque marcada pelo viés ideológico, é considerada como "natural", o que nos remete ao espontaneísmo. Tal atitude demonstra um desconhecimento do significado da presença do político na ação educativa, e também do ético, em sua forma autêntica, pois este aparece misturado com o sentimento, e essa mistura, sem dúvida, contribui para reforçar o espontaneísmo e para manter as falhas da instituição escolar.

Sobre esse prisma, não estamos condenando a afetividade na educação, mas reforçando o âmbito político da mesma ao reconhecermos que nossa metodologia e prática educativa eram permeadas por características de moralidade, subsumidas em nossas decisões e análises do desenvolvimento moral e das feições éticas de nossa sociedade. Isso é refletido no seguinte relato:

Trabalhamos neste dia os animais em extinção e a noção de solidariedade. Solicitamos pela primeira vez que a professora narrasse uma história: "O leão e o ratinho", enquanto nós representamos um leão que havia prendido um ratinho com suas garras. Mas que por compaixão, em seguida o libertou. Logo após, o leão foi preso por uma rede de caçadores e o ratinho voltou libertando-o ao roer a rede. Os alunos ficaram em total silêncio atentos a nova atitude do "leão". (DIÁRIO DE CAMPO, 16/09/2010).

Isso evidencia a importância de associar a construção do saber à formação do ser num estímulo ao desenvolvimento moral. Há quem veja o leão como um animal feroz demais para se trabalhar a humanização, entretanto cabe frisar que usamos de um animal que interessava a maioria dos alunos e que eles já tinham conhecimento, relacionando-o ao personagem da Disney: o Rei Leão. Para uma melhor compreensão ilustramos os recursos por nós utilizados:





Fotografia 1 - Máscara de leão e dobraduras de ratinhos encontradas no Arquivo de planos do estúdio.

Fonte: Danielly Carvalho Silva

Essa imagem simboliza para nós um processo de feitura da relação teoria e prática. Sabíamos que eram instigantes aulas que fossem mais significativas. No entanto, confeccionar uma máscara de leão sem um modelo para tal, relacionar o conteúdo da aula a nosso objeto de estudo e desenvolver isso na prática, foi um meio de suscitar o nosso aprendizado para esse novo aspecto da prática educativa. Entretanto, nos sentimos confortados quando conseguimos a total atenção da turma durante a encenação e a efusão de questões e comentários ao fim da mesma.

Por isso ressaltamos que a metodologia é um ato político de mediação entre os conteúdos e os alunos, entre os objetivos e a formação do ser. Nesse sentido, para melhor evidenciar a nossa prática damos destaque a outro recurso:



Fotografia 2: aluno utilizando material concreto no processo de ensino aprendizagem.

Fonte: Danielly Carvalho Silva

Esse recurso metodológico foi de fundamental relevância para o desenvolvimento dessa aula, com os alunos como protagonistas de situações-problemas criadas em sala sobre o trânsito. Assim as memórias registradas no Diário de Campo, são oportunas para lembrar esse momento:

[...] confeccionamos um carro com caixa de papelão para iniciarmos o tema: O trânsito. As crianças entravam no 'carro' ou ficavam na 'calçada' simulando situações no trânsito, ora na "faixa de pedestres" ora interpretando o 'semáforo'. Eles demonstraram muitos conhecimentos prévios sobre o respeito no trânsito. Contudo, criaram atritos porque queriam o carro só para si. Além disso, num passeio realizado pela escola dias atrás eles não mostraram atenção ao atravessar a rua e ao se comportar no ônibus. (DIÁRIO DE CAMPO, 20/09/2010).

Fica claro aqui o impasse na formação moral dos discentes que entendem ou tem uma noção de conceitos relacionados à ética como respeito, gratidão, solidariedade, etc., porém não experienciam isso. Afirmamos que a moral e a ética devem suplantar esses dilemas. Vale frisar, entretanto, que não estamos exigindo isso de crianças pequenas, mas explorando as suas capacidades para tal, considerando o ambiente em que vivem.

#### **4.1.3A criticidade e a humanização: duas vias no estágio**

É fato que discutimos em nosso percurso na Universidade sobre a importância de um desenvolvimento crítico na formação dos alunos, utilizando a curiosidade como via para aprimorar o ensino. Reportamo-nos a isso ao lembrar vários teóricos por nós estudados, eis um deles: “Não há para mim, na diferença e na ‘distância’ entre a ingenuidade e a criticidade, entre o saber de pura experiência feito e o que resulta dos procedimentos metodicamente rigorosos, uma ruptura, mas uma superação.” (FREIRE, 1996, p.34). Isso significa que há uma fundamental importância na valorização dos conhecimentos prévios dos alunos, porém com a intenção é de superá-los e não de justificar práticas negligentes, num sentido de que os alunos não aprendem por causa dessas situações.

Desse modo, recorreremos às memórias do nosso diário de campo,

[...] Confeccionamos um cavalo de garrafa pet, um chapéu de jornal e uma espada de papelão coberta com papel camurça, papel quarenta e papel laminado, tudo isso para a encenação do dia da pátria. Desse modo, cada aluno era chamado até o centro para dar o famoso grito da independência. [...]. Entretanto, quando explicamos sobre a independência do Brasil, questionamos os alunos sobre a validade de tudo que os livros dizem: ‘Tudo que está nos livros é verdade?’ Como esperávamos, os alunos não aceitaram essa criticidade com relação aos livros e a História. Percebemos que isso precisa ser trabalhado com mais frequência, num processo gradual e delicado. (DIÁRIO DE CAMPO, 06/09/2010).

Percebemos nesse dia que enquanto não foi dado significado ao grito da independência, com a encenação desse ato, as crianças não assimilaram esse fato histórico tão questionado hoje em dia, fazendo-nos entender a necessidade de programar aulas mais atrativas e de também nos auto-avaliarmos.

## CONCLUSÃO

Concluimos ao considerar que os dados coletados e vivências no estágio assinalam uma disparidade entre o que as crianças aprenderam/incorporaram moralmente e o que elas vivenciam dessas assimilações. Assim, elas demonstram uma rejeição á moral quando reagem ás situações de acordo com o que consideram importante para si, tentando alcançar soluções instantâneas para situações-problema. Entretanto, as crianças observadas no estágio, refletiam e percebiam concordâncias e discordâncias entre o que era feito e o que se dizia para fazer, reconhecendo que se alguém queria um determinado comportamento, primeiro teria que vivê-lo e ensiná-lo pelo exemplo.

Nesse processo, nosso estágio foi mais que um desafio, foi uma superação de si mesmo e da vivência do que nós nos propomos a investigar, a moral, a ética e, eventualmente, a formação do ser, no nosso caso a do ser-professor e a do ser-aluno, conseguindo que a relação teoria-prática não ficasse apenas em memórias de nossa retórica ou num discurso bem articulado. Constatando, assim, o que a teoria já havia constatado: alunos de capacidades evidentes, de rebeldia, de curiosidade natural, mas também de potencialidades freadas pelo mundo.

Nessa perspectiva, o comportamento moral é aprendido pelas crianças que se encontram numa fase de assimilação muito mais rápida que os adultos, elas podem aprender novas línguas, adaptarem-se facilmente a tecnologia e adequarem movimentos corpóreos a danças/esportes. No entanto, são seres humanos que se encontram a mercê de um mundo materialista e egocêntrico que torna cada vez mais difícil agir perante situações que exijam posturas morais.

Nesse sentido, seria ingenuidade considerar que esse trabalho veio acabar com as indagações e dilemas que perpassam o ensino da moralidade e da ética, ao contrário, gerou novas questões e possíveis ponderações a serem criadas. No caos da era moderna, a moral é um alvo facilmente atingido, pois, na inconstância do relativismo, as “forças do acaso” impedem que crianças e adultos encontrem segurança e respostas para aquilo que as inquietam. Todavia, a infância ainda é permeada por inventário, pelo brincar, pela espontaneidade, por um perdão natural que a torna tão especial apesar de todos os dilemas que a circundam.

